

HAN, B.-C. (2014). *A SOCIEDADE DO CANSAÇO*. LISBOA: RELÓGIO D'ÁGUA

Diogo Silva da Cunha

A Sociedade do Cansaço é uma tradução de Gilda Lopes Encarnação do livro alemão *Müdigkeitsgesellschaft*, no original de Byung-Chul Han. A monografia é percorrida pela disparidade, inspirada em Hegel, entre negatividade e positividade, isto é, entre a oposição de uma relação baseada na alteridade e uma relação assente na permissividade do idêntico. Por meio desta distinção, Han critica as implicações das transformações culturais e comunicacionais do nosso tempo, nomeadamente as novas configurações do trabalho, da atenção e da doença mental. A hipercomunicação, tratada por Han, enquanto modalidade da violência da sociedade positiva (por oposição à sociedade negativa), está ligada a vários excessos, particularmente a uma sobrecarga da produtividade e dos estímulos mediáticos. A experiência hodierna decorre num espaço percorrido por egos transbordantes, num espaço da permissividade do idêntico, a figura antagónica da alteridade. Apresentado pela primeira vez em português neste livro, o trabalho de Han comporta uma visão crítica das sociabilidades do século XXI, permitindo pensar as consequências culturais, existenciais e sociais da hiperatividade e hipermobilidade atuais.

Estamos perante um texto muito curto, mas que faz um uso muito elaborado das poucas palavras que o compõem. Embora coreano, Han é um filósofo de orientação alemã, um caminhante nos percursos da ontologia fundamental. Han nasceu em Seoul, na Coreia do Sul, em 1959. Começou por estudar metalurgia e depois dirigiu-se, nos anos oitenta, para a Alemanha com o objetivo de estudar literatura. Estudou Literatura Alemã e Teologia na Universidade de Munique mas, dadas as dificuldades linguísticas, foi em Filosofia, na Universidade Freiburg, que se doutorou, em 1994, com uma tese sobre Martin Heidegger. Desde 2012 que Han é professor de Filosofia e de Estudos Culturais na Faculdade de Artes da Universidade de Berlim, onde dirige um programa de Estudos Gerais.

Desde o primeiro capítulo d' *A Sociedade do Cansaço* que Han coloca a possibilidade de diferenciação de épocas através de patologias. Esta prática de análise receberá o nome de "leitura patológica" no sexto capítulo (p. 45). Por meio desta prática, Han distingue a sucessão de várias épocas: bacteriana, viral, imunológica e, finalmente, neuronal. O contraste é feito principalmente através da transição entre a época imunológica e a época neuronal. Para Han, o século XX foi uma época imunológica, cuja terminologia foi dominada pela ideia de ataque e defesa da Guerra Fria. O princípio fundamental da negatividade está no seu carácter dialético, em o outro imunológico ser um negativo que nega o próprio depois de nele se introduzir. O modo imunológico de sujeito tem uma interioridade que o defende através da exclusão do outro. O objeto da defesa imunológica é,

destarte, a alteridade. A rejeição, no caso imunológico, corresponde a uma reação a essa negatividade do outro, o que permite eliminar toda a alteridade por intermédio de uma clara diferenciação entre o que é interior e exterior, amigo e inimigo, próprio e estranho. A negatividade do outro cria infeções, e a profilaxia imunológica elimina o outro através da sujeição do próprio à violência da técnica vacinal. A afirmação do próprio decorre no outro, assim, por negação da sua negatividade. O mundo imunológico desenvolve, deste modo, limites que dificultam a troca universal. Segundo Han, as categorias imunológicas estão particularmente associadas ao discurso filosófico do existencialismo.

Para Han, o início do século XXI caracteriza-se por um princípio neuronal. O final da Guerra Fria acontece na sequência da mudança do paradigma imunológico para o neuronal. Surge uma rejeição não-imunológica, ligada a um excesso de positividade nos modelos biológicos e sociais. Em termos biológicos, Han refere-se à substituição, conduzida pela imunologista americana Polly Matzinger, da alteridade pelo comportamento destrutivo enquanto objeto de defesa imunológica. No âmbito social, a alteridade é suprimida em favor da diferença e do exótico: o outro é transformado em idêntico e, concomitantemente, o mundo torna-se pobre em negatividade e opulento em positividade. O idêntico, declara Han criticando Jean Baudrillard, não conduz ao reforço de defesas, pois não comporta negatividade. A rejeição não-imunológica não implica exclusão, porque, para excluir, afirma Han, pressupõe-se a existência de um interior negativo. A positivação do mundo forma novas modalidades de violência, como a sobreprodução e a hipercomunicação. Esta violência não tem origem na alteridade, mas no idêntico; decorre do próprio sistema e desenvolve-se na permissividade, na satisfação e na exaustividade. A manifestação desta violência através de sintomas a que Han chama “enfartes cardíacos”, como seriam o esgotamento, a fadiga e a sensação de sufoco, dá conta do seu carácter neuronal (p. 16). Por conseguinte, a leitura patológica do início do século XXI evidencia patologias neuronais, como a depressão e o transtorno por défice de atenção e hiperatividade, e perturbações de personalidade, como o transtorno de personalidade *borderline* e a síndrome de *burnout*.

No segundo capítulo, Han procura mostrar que a sociedade atual não é uma sociedade disciplinar. Esse tipo de sociedade seria negativo porquanto o conceito que a define, o de disciplina, é determinado pela proibição. Disciplina, e mesmo controlo, expressa-se através do verbo “não poder”, formando sujeitos que não podem, “sujeitos de obediência” (p. 19). O que rompe com esta obediência é o perfazimento da produtividade, que implica a permissão, não a proibição. A sociedade hodierna caracteriza-se assim pela ilimitação do verbo “poder”, por formar “sujeitos de produção”, “empresários de si próprios” (p. 19). Han diagnostica uma transformação institucional, normativa e individual: hospitais, manicómios, prisões, quartéis e fábricas foram substituídos por ginásios, torres de escritórios, bancos, aeroportos, centros comerciais e laboratórios genéticos; proibições, organizações, ordens e leis foram substituídas por projetos, iniciativas e motivações; loucos e criminosos foram substituídos por deprimidos e frustrados. Neste contexto Han apresenta a tese de Alain Ehrenberg de que a depressão se acha na transição entre o modelo disciplinar e o modelo da iniciativa pessoal. Porém, Han vai

mais longe do que o autor que cita. Para Han, a depressão não é apenas a expressão patológica do imperativo de o indivíduo ser ele mesmo, mas de o indivíduo conseguir um rendimento maior sendo ele mesmo.

Han dedica-se, no terceiro capítulo, a mostrar como o excesso de positividade, manifestado, por sua vez, no excesso de estímulos, informações e impulsos, transforma a estrutura e a economia da atenção. Por causa da fragmentação e dispersão da percepção e da técnica do *multitasking*, associada a essa dispersão, a atenção profunda e contemplativa da vida cultural tem sido suplantada por uma “hiperatenção” (p. 26). Para Han, esta é análoga à atenção múltipla do animal selvagem. Por isso Han pode afirmar que o *multitasking* “não representa um progresso civilizacional” mas, pelo contrário, “uma regressão” (p. 25). A hiperatenção caracteriza-se pelo frenesim na mudança de foco de atenção: tal como o animal selvagem, a sobrevivência do indivíduo atual depende de uma atenção de tipo? Multifocal. Esta hiperatenção é intolerante a uma descontração que torne capaz a contemplação e o tédio profundo.

Esta preocupação com a contemplação leva Han, no capítulo seguinte, o quarto, a distinguir entre *vita ativa* e *vita contemplativa*. Para isto, retoma Hannah Arendt. Em Arendt, na leitura feita por Han, a *vita ativa* está associada, tal como em Heidegger, ao primado da ação. A vinculação do homem à ação decorre do nascimento, pois ao nascer todo o homem é capaz de recomeçar a humanidade. Ainda em Arendt, a possibilidade de ação é destruída através da redução do homem a um *animal laborans* passivo. Esta redução faz com que, por seu turno, as formas da *vita ativa* sejam reduzidas ao trabalho. A humanidade, nesse contexto, não é mais do que um mero fenómeno ou processo biológico. O futuro da humanidade, diz-nos Arendt através de Han, depende do poder do homem atuante, cuja função mais efetiva é a do pensamento. Han faz três críticas a Arendt. A primeira é a de que, ao contrário do que a autora defende, a tradição cristã pressupõe um compromisso entre *vita activa* e *vita contemplativa*, pois, considera Han, citando São Gregório, essa tradição pensava que a *vita activa* conduzia à *vita contemplativa* e que a última reconduzia à primeira. A segunda crítica é a de que o exame de Arendt ao triunfo do trabalho não resiste ao contexto atual, pois o *animal laborans* atual não é passivo, mas hiperativo. Neste sentido, Han compara a histeria contemporânea da produtividade, responsável por depressões e transtornos de personalidade, com a insensibilidade dos *Muselmänner* dos campos de concentração, que, de tão débeis, não distinguiam entre a sensação de frio e a frieza de uma ordem. A terceira crítica a Arendt dirige-se especificamente ao final do seu livro sobre a condição humana, o qual termina com uma citação de Catão – *Numquam se plus agere quam nihil cum agere, nunquam minus solum esse quam cum solus esset*. Para Han, estas palavras são contextualmente desfasadas visto que foram citadas originalmente por Cícero num elogio à *vita contemplativa*, e Arendt as utiliza para elogiar a *vita activa*. O problema é que Arendt se refere involuntariamente à *vita contemplativa* sem concluir que a correspondência entre perda da capacidade contemplativa e absolutização da vida ativa conduz à histeria e ao nervosismo atuais.

Da *vita contemplativa* Han passa a concentrar-se na pedagogia da visão que a contemplação pressupõe. No capítulo quinto encontramos uma descrição dessa pedagogia

e do seu desmoronamento na atualidade. Han retoma Nietzsche, que considerava necessário um ensino do ver baseado no acostume do olho à serenidade e à paciência. Isto corresponderia, na leitura de Han, a ensinar o olho a atentar profunda e contemplativamente, a aprender a não reagir imediatamente a um impulso. A reação imediata e a reação a qualquer impulso são sintomas de patologia. A *vita contemplativa* não é uma abertura passiva, mas uma resistência aos impulsos externos via orientação da visão. É preciso negar, dizer não. O mesmo acontece para receber a alteridade: é necessário haver uma negatividade do deter-se, da interrupção; é indispensável haver uma paragem. É fundamental, parece, enfim, estabelecer limites, (re)conhecê-los e respeitá-los. Só esta negatividade permite a ação da contemplação. Porém, essa negatividade, devido às pausas a que obriga, atrasa o processo de aceleração necessário à produção, por isso o sujeito de produção suprime-a no sentido de maximizar a produção. Assim, o mundo atual sofre de uma pobreza em interrupções, intermédios e intervalos. A aceleração suprime essas paragens, e a ação torna-se prolongamento do existente, dispersa-se e transforma-se em pura atividade ou hiperatividade. A positivação geral transforma os homens em “máquinas autistas de produção” (p. 42).

No sexto capítulo Han realiza uma leitura patológica do conto “Bartleby, the Scrivener: A Story of Wall Street”, de Herman Melville. Esta leitura é contrastada com as interpretações ontoteológicas que Gilles Deleuze e Giorgio Agamben fizeram do mesmo texto. Para Han, o conto é uma história de um mundo que reduziu o humano a *animal laborans*. A sociedade de Bartleby é disciplinar, o que é evidenciado por símbolos arquitetónicos proibitivos, como muros, e pelo uso frequente, logo no título, do termo “Wall”. Todavia, todos os escriturais da firma de advogados onde trabalha Bartleby sofrem de perturbações neuróticas. A agitação geral faz contraponto com a apatia e a inércia de Bartleby. Segundo Han, Bartleby *ainda* não apresenta sintomas de depressão, como a falta de autoconfiança, o sentimento de inferioridade, a autorrecriminação ou a autoagressão. Bartleby *ainda* não tem de viver com o imperativo de ser ele mesmo, pois ele é ainda um “sujeito da obediência”. A fórmula tantas vezes repetida por Bartleby de “I would prefer not to” expressa a inércia dessa sujeição. Contra o “novo Cristo” de Deleuze e a “potência pura” de Agamben, Han defende um Bartleby enquanto “Ser negativo em direção à morte” (p. 49). O que caracteriza este Bartleby é a recusa. O seu caminho termina com a descoberta de que foi o funcionário do arquivo morto dos correios, da correspondência não entregue. A simbologia da erva e do céu no episódio da prisão, que Agamben identificou como messiânica, é, para Han, um contraste com a morte. Segundo Han, estes sinais de vida constituem uma falha da ilusão, pois apenas através da negatividade da recusa se alcança a possibilidade do oposto – neste caso, da vida.

No último capítulo, com título homónimo ao livro, Han descreve a evolução da sociedade de produção para uma sociedade de *doping* e explica o modo como essa evolução se manifesta ao nível do cansaço. O *doping*, tal como o positivamente chamado *neuroenhancement*, induz a conversão do corpo e do ser humano numa “máquina de produção”: o *doping* permite o rendimento sem falhas nem interrupções no sentido da maximização produtiva. Esta evolução produz um “cansaço alienante”. Han utiliza

a distinção elaborada pelo escritor Peter Handke entre um “cansaço alienante” e um “cansaço eloquente e conciliador” ou “cansaço confiante no mundo” ou “cansaço fundamental” ou, ainda noutras palavras, “cansaço clarividente” ou “cansaço profundo” (pp. 53-54). O primeiro tipo descreve um cansaço da potência positiva: é individual e isolador, excessivo, destruidor do comum devido ao Eu ser o único horizonte da visão, assolador da morosidade das formas; é um cansaço *do* outro. O segundo tipo de cansaço é da ordem da potência negativa: reduz a identidade e esfuma os contornos das coisas, permite ver e ser visto, tocar e ser tocado, possibilita a atenção à morosidade das formas, restaura a dualidade, funda uma simpatia – a qual possibilita, instaura e une uma comunidade de coisas e de pessoas; é um cansaço *com* o outro. Han mostra que as comunidades religiosas islâmicas e cristãs seguem tradições que instituem sociedades do cansaço, mas de um cansaço *com* o outro. Pelo contrário, a sociedade positiva é uma sociedade do cansaço *do* outro.

Em jeito de reflexão final, é importante compreender que a defesa que Han faz da alteridade não parece constituir nenhum auspício a esquemas negativos historicamente constituídos. Ou seja, não se trata de defender regimes políticos disciplinares do século XX. O livro de Han não nos reenvia para outro tempo. Com efeito, o autor recorda a relação que noutro tempo se estabeleceu de forma vivida por meio de uma crítica à disrupção dessa relação. Assim sendo, Han não faz uma apologia da imunidade, ainda que a identifique com a negatividade. A constante tónica historicista e a preocupação patológica é que conduzem a uma datação de regimes no seio dos quais está o imunológico. Em última análise, o contraste entre a “época imunológica” e a “época neuronal” realça o esquema imunitário, porque nele a alteridade era salientada pela negação. De todos os modos, este livro de Han merece a atenção dos interessados em comunicação, meios e sociabilidade na sociedade hodierna. Nele se encontra um percurso de reflexão que reconduz o olhar do investigador para a importância da alteridade e para os impactos da hipercomunicação, da hipermediatização e também da hipermobilização na condição humana. //

NOTA BIOGRÁFICA

Diogo Silva da Cunha é investigador integrado no Grupo de Investigação em Filosofia das Ciências Humanas, Ética e Política do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa. É licenciado em Jornalismo pela Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa (2014) e frequenta o Mestrado em História e Filosofia das Ciências na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

E-mail: cunhadiogo15@gmail.com

Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa (CFCUL), Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Campo Grande, Edifício C4, 3.º Piso, Sala 4.3.24, 1749-016 Lisboa, Portugal

* Submetido: 09-04-2015

* Aceite: 02-07-2015